



# SEÇÃO DO CANDIDATO

À

# ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

N. 9-59

Coordenador: Cel JOÃO BINA MACHADO

*Com o afastamento do Cel João Bina Machado da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, esta Seção passará a ser atendida pelo Major Enio Gouvêa dos Santos, instrutor da referida Escola.*

*Ao Cel Bina Machado apresentamos os agradecimentos sinceros da Diretoria de "A Defesa Nacional", por sua colaboração eficiente.*

*O Major Enio é um brilhante oficial de Cavalaria, ex-instrutor da AMAN, primeiro colocado em sua turma da EsAO e distinguido oficial de estado-maior.*

## SUMÁRIO

- I — A Artilharia na Marcha para o Combate
- II — Os Serviços nos Movimentos Retrógrados

## I — A ARTILHARIA NA MARCHA PARA O COMBATE

### 1. GENERALIDADES

Os Manuais de Campanha definem a "Marcha para o combate" como "um movimento terrestre executado num TO, antes do combate, com a finalidade de estabelecer contato com o inimigo, ou é executada, também, no período entre a perda e o restabelecimento do contato, como num aproveitamento do êxito ou na perseguição".

Nestas condições, a doutrina de emprêgo da Artilharia é a mesma, quer se trate de estabelecer o contato com o inimigo, quer se trate de um aproveitamento do êxito ou de uma perseguição.

A Artilharia marcha para o combate sempre enquadrada, ou melhor, junto à Arma que terá de apoiar, constituindo, normalmente, com ela um GT ou um Destacamento.

Na fase de "Contato remoto", dada a improbabilidade do emprêgo da Artilharia em curto prazo, pode-se dar o caso do Grupo marchar independentemente da unidade que apóia, no sentido de aproveitar, ao má-

ximo, a rede de estradas existentes. A Artilharia adotará somente as medidas de segurança que visem a fugir à ação dos sabotadores, das armas de muito longo alcance e da aviação inimiga.

Na fase de "Contato pouco provável", embora não seja esperada a entrada em ação da Artilharia em curto prazo, elementos de reconhecimento e ligação do Grupo são incorporados à coluna do GT, em condições de iniciarem os respectivos trabalhos quando o contato passar a iminente. O Grupo poderá ser articulado na coluna ou não, consoante o número e natureza das estradas e o modo de deslocamento do GT (a pé, a cavalo ou motorizado).

Na fase de "Contato iminente", a característica do quadro tático de um GT é a incerteza da situação. Em regra, nessa fase, a unidade apoiada deve atacar o inimigo antes que ele o faça, e assim, o seu dispositivo de marcha visa, também, a passar ao dispositivo de ataque sem perda de tempo.

A Artilharia que apóia essa unidade deve articular-se de modo a fornecer o apoio necessário em tempo útil, evitando que a Arma apoiada se atrase esperando por ela, ou ataque sem ela. Esse tempo deve, portanto, ser, no máximo, igual ao que a unidade apoiada leva para tomar o seu dispositivo para atuar, após o contato com o inimigo.

Via de regra, a articulação da Artilharia no dispositivo de marcha do GT visará a apoiar, inicialmente, as ações da vanguarda, proteger o desdobramento do grosso e, finalmente, apoiar a ação do GT.

Um estudo de situação na carta permitirá a elaboração de um plano de emprêgo da Artilharia para atender à manobra planejada pela unidade apoiada.

## 2. MISSÃO

A missão da Artilharia decorre essencialmente da manobra a realizar pela Arma apoiada.

A Artilharia deve estar apta a apoiar as ações da unidade apoiada a partir da linha em que fôr previsto o encontro com o inimigo, orientando, para isso, os seus meios na direção que melhor atender à manobra.

O apoio à Vanguarda será função de suas necessidades para cumprir a missão recebida, podendo mesmo, em alguns casos, um elemento de Artilharia ser-lhe dado em reforço, cabendo ao Cmt da Artilharia prescrever regiões prováveis de posições, linhas ou regiões a não ultrapassar, etc.

## 3. DESDOBRAMENTO

O conhecimento das regiões prováveis de posições, linhas ou regiões a não ultrapassar, etc., permite fazer previsões de regiões de desdobramento da Artilharia, a fim de atender à manobra da Arma apoiada, inclusive a sua Vg, em toda a profundidade da operação. Na previsão das áreas de posições é necessário considerar que:

— a Art do GT (ou Destacamento) tem, normalmente, a seu cargo todas as missões;

— a atuação da Vg é, em princípio, nitidamente ofensiva; por isso, o desdobramento da Art deverá apresentar as características do ataque, isto é, ser o mais avançado possível;

— dada a rapidez da atuação e a necessidade de freqüentes mudanças de posição, é conveniente que as posições sejam situadas próximo aos itinerários de marcha;

— o planejamento deve visar sempre ao emprêgo da Artilharia centralizada; embora a natureza da operação imponha, com freqüência, a

descentralização, esta deverá ter um caráter transitório, devendo o Cmt da Art centralizar os seus meios logo que possível, a fim de tirar partido do efeito de massa.

Das possibilidades do inimigo, estabelecidas pela Arma apoiada, o Cmt da Artilharia verificará particularmente:

- a linha do terreno a partir da qual o inimigo está em condições de oferecer resistência à progressão da Vg;
- as linhas ou regiões onde o inimigo poderá oferecer resistências sucessivas à execução da marcha.

As possibilidades atribuídas ao inimigo nas diversas linhas ou regiões referidas, influem decisivamente tanto na previsão de posições quanto na necessidade de apoio à Vg e às ações da Arma apoiada.

No estudo do terreno deve-se examinar particularmente:

- os itinerários (penetrantes e roçadas) a utilizar pela Art;
- as regiões convenientes e prováveis posições;
- regiões para observatórios;
- pontos notáveis dos itinerários.

As posições devem ser escolhidas tendo em vista:

- apoiar aproveitando, ao máximo, o alcance eficaz do material; em regra, situadas a cerca de 1,5 km à retaguarda da provável linha da qual a arma apoiada deverá se lançar à conquista de determinado objetivo, ou ao prosseguimento da progressão;
- estar nas proximidades dos itinerários e próximo aos observatórios;
- oferecer, tanto quanto possível, condições de segurança e proteção.

A continuidade de apoio durante a progressão, supondo-se que o combate tenha exigido a ocupação de determinada posição prevista, é assegurada pela ocupação de posições sucessivas, afastadas, em princípio, de uma distância equivalente à metade do alcance máximo do material.

#### 4. ARTICULAÇÃO NA COLUNA DE UM GT

A articulação de uma unidade de Artilharia (Gp) numa coluna de GT, é função, principalmente, da mobilidade do GT e da rede de estradas (especialmente no concernente à viabilidade de ultrapassamento das colunas de marcha).

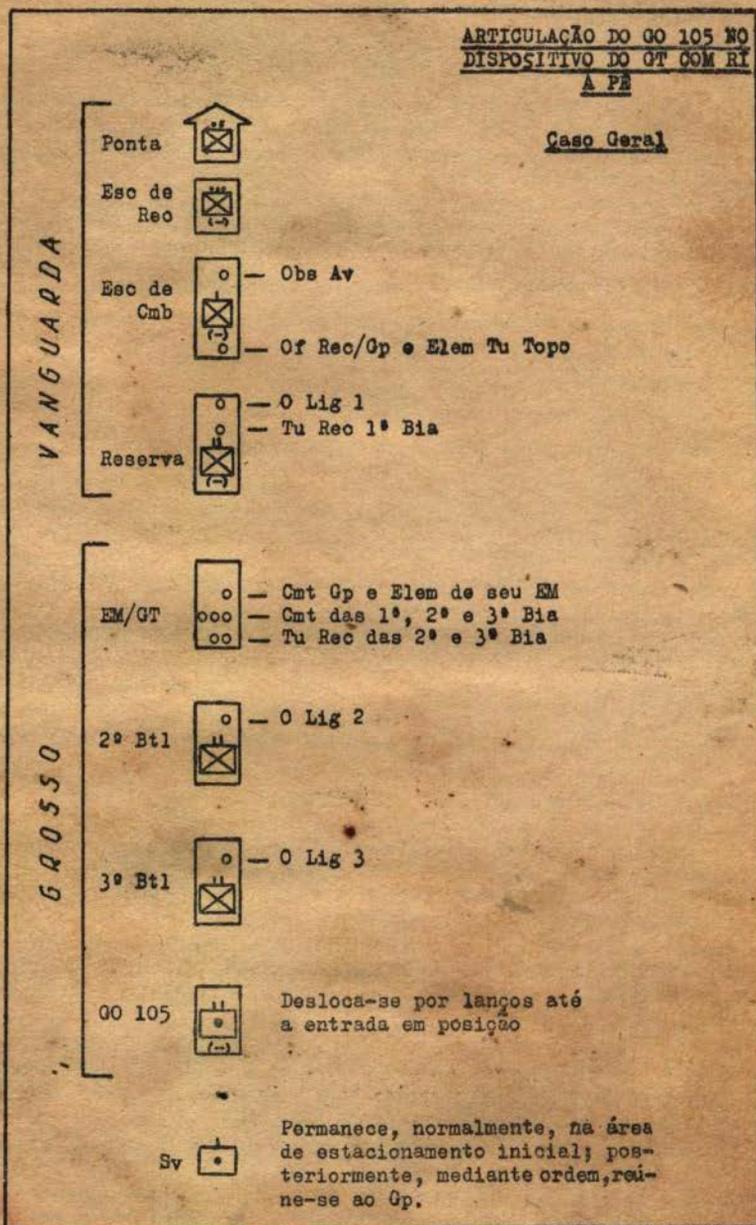
Quando a velocidade da unidade apoiada é inferior à da Art, somente elementos de reconhecimento, ligação e observação avançada se deslocam com a Vg, enquanto o Gp (—) o faz à retaguarda do grosso, por lanços (Fig. 1).

Devido à sua velocidade, o Grupo (—) pode, a qualquer momento, avançar para as posições escolhidas, dobrando a coluna de marcha.

Na fase que precede o encontro com o inimigo, os lanços são previstos e sua execução regulada durante a marcha.

Quando a Artilharia que marcha com o grosso de um GT puder encontrar dificuldades em ultrapassar a coluna de marcha (más condições de tráfego, congestionamento, etc.), para ocupar posição, ou quando o inimigo é forte em motorizados, um elemento poderá ser avançado, deslocando-se imediatamente à retaguarda da Vg.

Se a mobilidade da Arma apoiada for igual a da Artilharia, não há necessidade de deslocamento por lanços e o Grupo marcha incorporado à coluna, que se desloca como um todo.



(Fig. n. 1)

Entretanto, dada a grande profundidade da coluna (a profundidade de um RI todo motorizado, em coluna aberta, atinge a 30 km), o Grupo terá de dispor seus elementos ao longo da mesma visando a uma rápida entrada em posição (Fig. 2).

### 5. NORMAS DE EMPREGO

A missão da Artilharia decorre, essencialmente, da manobra a ser realizada pela unidade apoiada, e deve indicar que elementos apoiará e em qual prioridade.

Deve-se, para isso, verificar particularmente:

- as linhas ou regiões sucessivas a atingir ou conquistar;
- o dispositivo adotado pelo GT;
- as condições de execução.

São de capital importância os itinerários penetrantes e roçadas a utilizar pela Artilharia.

Deve-se verificar a possibilidade de, deslocando-se ao longo deles, abandoná-los rapidamente para ocupar posições, a fim de prestar o necessário apoio ao GT.

Caso o GT utilize um único itinerário, o Gp deslocar-se-á ao longo do mesmo, em condições de apoiar o GT nas regiões ou linhas que interessam à sua manobra; entretanto, as condições técnicas da estrada, particularmente o número de vias, poderá ter influência na articulação do Gp na coluna.

Caso o GT utilize dois itinerários, examinar-se-á a possibilidade de deslocar a Artilharia por somente um deles em condições de apoiar o GT ao longo dos dois itinerários. Isso só será possível se a distância entre os dois itinerários for de tal ordem que permita à Artilharia, ocupando posição nas proximidades de um deles, apoiar as ações do GT em ambos os itinerários.

Se tal não acontecer, poderá suceder (tomando um Gp por exemplo):

— todo o Gp se desloque pelo itinerário principal em condições de apoiar o GT somente ao longo desse itinerário;

— o Gp tenha elementos nos dois itinerários em condições de apoiar o GT ao longo dos mesmos, com a maioria dos meios (não a totalidade) num ou noutro itinerário. Nesse caso, a Artilharia necessitará descentralizar, temporariamente, uma parte dos seus meios;

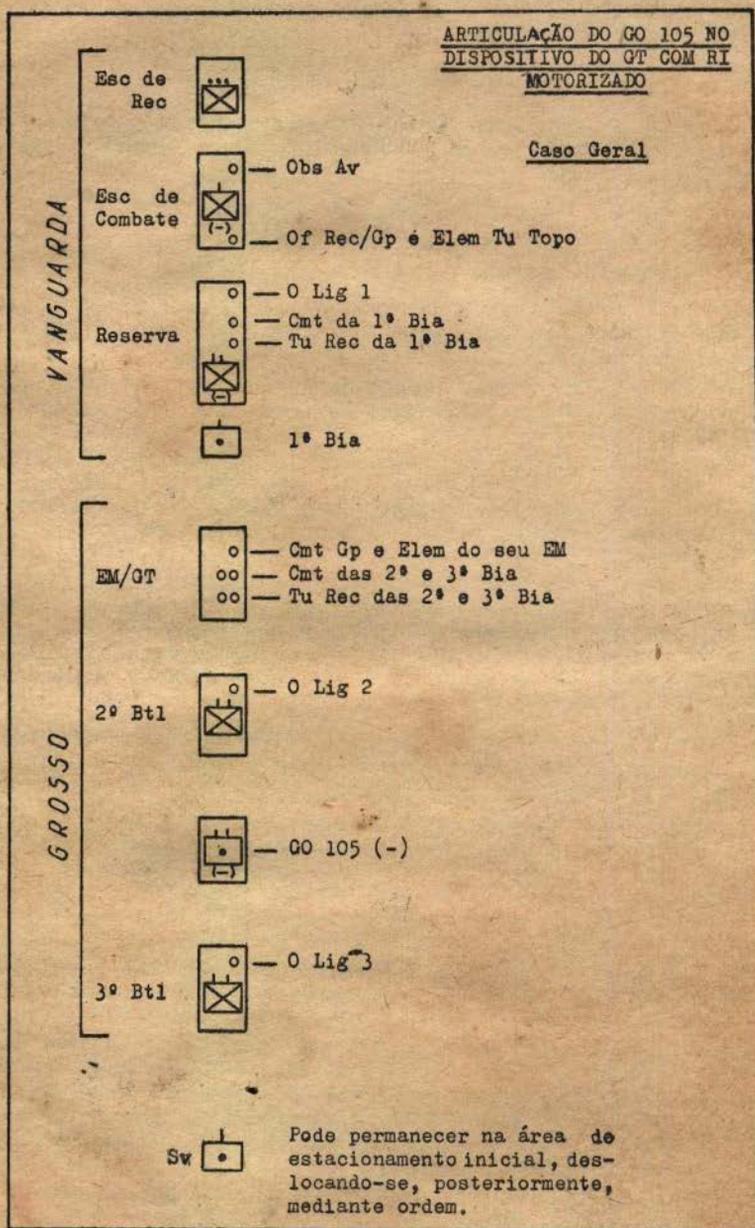
— todo o Gp se desloque pelo itinerário considerado principal, sem abandonar a possibilidade de, no decorrer da marcha, ser roçado para atuar, com a totalidade dos seus meios, no outro itinerário. Isso, entretanto, só será exequível quando se dispuser de transversais convenientes.

Os casos acima não constituem, todavia, regra inflexível; só um estudo acurado da manobra do GT e da situação pode ditar, em última análise, como deslocar o Gp pelos itinerários a serem utilizados pelo GT.

No caso de deslocamento do Gp por dois itinerários muito afastados um do outro, haverá a descentralização temporária de, normalmente, uma Bia, a qual será dada em reforço ao elemento que marchar pelo itinerário julgado secundário.

Se esse elemento for detido em tais condições que, somente com o apoio da Bia não possa progredir, todo o Gp ou o Gp (—) poderá ter de ocupar posição para apoiá-lo. Nesse momento cessará a subordinação da Bia àquele elemento e ela retorna ao comando do Gp.

Nenhuma obrigatoriedade existe para a ocupação das posições previstas; elas servem como dados para orientar os reconhecimentos que



(Fig. n. 2)

podem, no decorrer da marcha, indicar regiões diferentes das previstas e mais convenientes para o cumprimento da missão.

Uma vez decidido pelo Cmt do GT a entrada em posição pela Artilharia, o Cmt do Gp prescreve a posição a ocupar que, nessa ocasião, já deve estar reconhecida.

Dentro da articulação de um Gp na coluna do GT, a Bia que marcha com a Vg e o restante do Gp poderão abrir fogo nos seguintes prazos:

Bia (com observação avançada) .....	25 min
Gp (com observação avançada), não centralizado ....	45 min
Gp, centralizado à base de PTO .....	2 hs

Em alguns casos, quando se dispõe de carta apropriada, o Gp pode ser centralizado à base de PTT, por inspeção, com apenas 1 hora.

Os prazos acima referem-se a dados médios baseados na experiência. Convém assinalar que esses prazos são, normalmente, menores que os tempos que a Arma apoiada necessita para a tomada de seu dispositivo e entrada em ação.

## 6. DESLOCAMENTO APÓS O CONTATO

Ocupada uma posição, a Artilharia assegura a continuidade de apoio durante o prosseguimento da ação, deslocando-se por escalões.

Inicialmente, deslocam-se os órgãos de observação e, a seguir, o material, por escalões, isto é, enquanto uma fração da Artilharia permanece em posição, outra desloca-se para nova posição, não havendo dest'arte solução de continuidade no apoio, mas uma diminuição momentânea do mesmo.

Não é aconselhável a realização de deslocamentos freqüentes e de pequena amplitude. Em regra, os deslocamentos são realizados quando a unidade apoiada atinge uma linha ou região que permita a execução do deslocamento e ocupação das novas posições em relativa segurança. Essas posições não deverão estar afastadas das primitivas de uma distância superior à metade do alcance máximo do material.

A escolha do tipo de escalões (1-1-1, 2-1, 1-2) a adotar, depende, fundamentalmente das necessidades de apoio da arma apoiada.

A mudança de posição do material é determinada pelo seu alcance, enquanto as possibilidades dos meios de observação e as limitações impostas pelo terreno condicionam os lanços da observação.

## II — OS SERVIÇOS NOS MOVIMENTOS

1. Os movimentos retrógrados são operações em que as condições de espaço e de tempo devem ser cuidadosamente avaliadas e todos os riscos convenientemente pesados; daí, a necessidade de um planejamento cuidadoso e de uma execução perfeita.

2. O segrêdo é uma das imposições da operação e como em princípio o deslocamento dos órgãos, instalações e retraimento das tropas se fazem simultaneamente é preciso que esses movimentos para a retaguarda sejam executados de modo que o inimigo não os perceba, e que os movimentos para a frente, não alterando a rotina, sejam, de certo modo, perceptíveis.

Os serviços devem manter a continuidade do apoio antes, durante e após o retraimento, com base num Planejamento.

3. Este Planejamento visa:

- a. à evacuação rápida e progressiva da maior parte das instalações de suprimento, de modo a não interferir com os movimentos da tropa;
- b. à redução na entrega de suprimentos diários ou elevação das DO das unidades;
- c. à redução dos movimentos de suprimentos para a frente ao mínimo indispensável;
- d. à destruição dos suprimentos e das instalações que tiverem de ser abandonadas;
- e. à redução das instalações e unidades dos Serviços (oficiais, hospitais, depósitos, etc.), deixando somente elementos suscetíveis de se deslocarem por estrada de rodagem.

### 4. DESDOBRAMENTO DOS SERVIÇOS

Inicialmente, como medeia uma distância que pode atingir a dezenas de km, a zona de desdobramento dos Serviços da DC (DI) apresenta-se bastante profunda, sendo reduzida progressivamente à medida que o movimento tender para o limite máximo de recuo.

### 5. RETRAIMENTO DOS SERVIÇOS

a. O retraimento dos Serviços constitui uma operação difícil e deve ser planejado com cuidado e executado com a máxima ordem e método, pois, do contrário, pode ocasionar retardamento, perturbação e até o fracasso completo da operação.

b. O E4 (S4) deve ser alertado pelo Cmt o mais cedo possível, de modo a poder estudar e resolver com tempo as minúcias da operação, que só assim alcançará o êxito desejado e não acarretará para os Serviços a perda de material e o abandono de suprimentos.

c. No retraimento é preciso prever:

- a evacuação rápida e progressiva das instalações dispensáveis na frente;
- os depósitos de certos suprimentos junto aos itinerários, quando a DC (DI) não puder atender suas necessidades com seus próprios meios;
- a redução das instalações de Mnt, Saú, etc., de maneira a só deixar na frente elementos que possam ser deslocados rapidamente pelas estradas;

— as condições de retraimento e nova localização de órgãos divionários.

d. A execução do retraimento, embora decorrente de um preparo cuidadoso, pode, por vèzes, apresentar sérias dificuldades, devidas, particularmente, à intervenção do inimigo, tornando impraticável algumas das medidas previstas.

Para isso, deve-se manter sempre a par do desenvolvimento dos acontecimentos, de modo a poder, em qualquer ocasião e em tempo oportuno, introduzir as modificações ditadas pela evolução da situação.

## 6. NECESSIDADES NOS MOVIMENTOS RETRÓGRADOS

### a. *Suprimentos* :

#### *Classe I*

A atenção dispensada à alimentação dos homens constitui um dos elementos tendentes a compensar os efeitos deprimentes do movimento retrógrado. Portanto, todo o esforço deve ser feito no sentido de que não haja interrupção na corrente dos suprimentos desta classe.

Se julgado conveniente, poderão ser depositados, ao longo dos itinerários e junto das posições, os víveres necessários para atender às necessidades imediatas, liberando, por êsse modo, as viaturas, de maneira a desembaraçar mais cedo as estradas. Este processo, todavia, só deve ser utilizado quando tudo houver sido previsto, minuciosamente, pois a modificação de um itinerário de recuo pode deixar algumas unidades sem víveres, os quais poderão cair em poder do inimigo. Poderá o inimigo perturbar o funcionamento dos serviços, o que obrigará ao Cmdo autorizar o consumo de rações de reserva.

Os recursos locais que não forem aproveitados devem ser destruídos, uma vez que o inimigo dêles se apoderará para suprir as suas tropas.

#### *Classes II e IV*

Durante o movimento retrógrado, normalmente não se faz a distribuição da classe II.

As Eng e Com empregam em seus trabalhos muito suprimento correspondente à classe IV.

#### *Classe III*

As necessidades superam às da defensiva.

#### *Classe V*

As necessidades são inferiores às da defensiva.

É normal o consumo progressivo da DO só havendo recompletamento na nova posição.

Pode-se organizar depósitos nas regiões a ocupar. Entretanto, munição alguma deve cair em mãos do inimigo sem ser destruída.

### b. *Evacuação* :

(1). Dada a rapidez do movimento e suas particularidades, as atribuições do SS e SVet são de difícil realização.

(2). As características de evacuação de feridos são as seguintes :

— menor intensidade que na defensiva;

— maior profundidade no dispositivo, pois os órgãos do escalão superior estarão bem recuados;

— maior dificuldade na evacuação dada a instabilidade da operação.

(3). A recuperação de feridos também será difícil, porque a operação :

— não oferece condições favoráveis para instalação dos serviços, pois exigem tempo;

— obriga a evacuação de feridos para postos mais à retaguarda, feridos estes que poderiam ser tratados bem à frente.

(4). O desdobramento dos SS e SVet deve atender :

— a todos os elementos destacados (F Cob — PAG — Retag);

— às diferentes colunas de tropa em movimento.

(5). A instalação do *P Trg D* (P Ev Trg) dependerá, particularmente, do tempo.

Quando houver necessidade e a operação permitir, pode-se deslocar esta instalação por lanços.

c. *Evacuação de material* :

É de grande importância, pois nada se deve deixar ao inimigo, sendo, portanto, normal que se tenha elementos de serviço que realizem a evacuação de material o mais à frente possível.

O material que não puder ser evacuado, deve ser destruído.

d. *Manutenção* :

A manutenção deve ser levada ao máximo antes da execução dos movimentos retrógrados, tendo em vista melhorar as condições de rendimentos dos meios. Durante o movimento, diminuirá de intensidade.

e. *Transporte* :

As necessidades são muito grandes, quer para atender aos transportes da tropa e suprimentos, quer para realizar a evacuação de pessoal, animal e material.

Normalmente, há o reforço do Escalão Superior, pois os meios orgânicos são poucos.

f. *Conclusão* :

(1). Procurar deslocar os serviços de modo a desembaraçar o mais cedo possível as estradas.

(2). Levar os órgãos mais pesados ao abrigo da nova posição tão logo tenha sido decidida a manobra.

## 7. DESTRUIÇÃO DE MATERIAL E SUPRIMENTOS

a. A destruição do material é uma *decisão* de comando de Divisão ou de outro escalão mais alto, que, entretanto, poderá delegar essa atribuição a um comando subordinado.

b. Sempre que possível, o local escolhido para a destruição é aquele que vir a dificultar as atividades inimigas.

c. A destruição por explosivos provoca fragmentos e, como tal, não deve ser próxima de tropas amigas.

d. Meios a empregar :

(1). *Ferramentas* — Machado, picareta, facão, serra.

(2). *Explosivos*.

(3). *Tiro* — Granadas, L. Rojões, Mtr.

(4). *Fogo* — Gasolina, lança-chamas.

(5). *Água*.

e. *Plano de destruição* :

Quando a tropa prevê a necessidade de possíveis destruições deve levar o material adequado para tal fim.

Cada homem deve saber como destruir seu material.

Todo o material distribuído à unidade deve ser incluído no plano de destruição.

f. *Instrução* :

Na instrução, deve-se visar à destruição simulada das partes vitais.

Os motoristas, particularmente, devem familiarizar-se com cada pormenor destas destruições.

A instrução não deve incluir a destruição real de qualquer material.

g. *Execução das destruições* :

As condições do terreno, a situação tática, o tempo, o material e mão-de-obra disponíveis condicionam a decisão do comando quanto aos processos e à extensão das destruições.

h. A seguir, são encontrados alguns exemplos :

(1). *Motores de combustão interna* :

— Destruir c/machado ou picareta :

— carburador ;

— distribuidor ;

— bomba de gasolina ;

— bobina ;

— sistema de injeção de óleo (motores Diesel) ;

— bateria ;

— motor de partida.

— Atirar com Mtr sobre :

— radiador ;

— bloco do motor ;

— painel.

— Furar :

— tanque de gasolina.

— Fogo :

— derramar gasolina e atear fogo.

(2). *Equipamento de observação* :

— Destruir vidros, lentes, espelhos ;

— Quebrar tôdas as hastes e armações.

(3). *Cartas topográficas e outros documentos* :

— Grande quantidade de documentos — explosivos ;

— Pequena quantidade — lançar fogo.

(4). *Alimentação* :

— Pelo fogo ou pela água.